

Arte, educação e cultura numa perspetiva intercultural

SUSANA GONÇALVES

susana.goncalves@ipc.pt

ESE do Instituto Politécnico de Coimbra

Resumo

O ensaio discute o papel da arte nas suas diversas formas como recurso relevante de educação intercultural, sobretudo atendendo às características do mundo atual (sociedade da informação, multicultural e global) e às características dos estudantes nativos digitais. Considera os conceitos de arte e de diálogo intercultural para argumentar a importância do uso da arte para a compreensão do mundo, para a expressão de ideias e para estabelecer pontes com pessoas de diversas culturas. porque, sendo uma linguagem cognitiva e emocional, a arte consegue simbolizar mensagens que atravessam as fronteiras culturais e permitem sintonizar culturas e identidades. Finalmente, o ensaio faz a apologia de práticas de ensino que integram estéticas artísticas, para concluir que os professores devem desenvolver, no paradigma de ensino que se está a formar, um novo repertório de competências, fortalecendo a capacidade intercultural, a sensibilidade artística e sobretudo, uma nova mentalidade sobre o que significa ser professor hoje.

Palavras-chave:

Diálogo intercultural, educação intercultural, ensino-aprendizagem, arte.

Abstract

The essay discusses the role of art in its various forms as resource for intercultural education, taking into consideration the characteristics of the information society and a multicultural and global world, as well as the characteristics of native digital students.

The comparison of the concepts of art and intercultural dialogue takes us to argue that art, a cognitive and emotional language, is an ideal medium to express ideas and to establish bridges between cultures. Art conveys messages that cross cultural boundaries and tunes cultures and identities. The essay concludes that, in an emerging teaching paradigm teachers should develop a new repertoire of competences, strengthening intercultural capacity, artistic sensitivity, the aptitude to manipulate digital tools and, above all, a new mentality about what it means to be a teacher today.

Key concepts:

Intercultural dialogue, intercultural education, teaching and learning, art.

Nota introdutória

Sou professora do ensino superior. Nos últimos dezasseis anos tenho sido responsável por unidades curriculares do âmbito da Educação Intercultural, integradas em licenciaturas e mestrados de Educação/ Formação de Professores e de Animação Socioeducativa, maioritariamente do Instituto Politécnico de Coimbra. Leciono outras temáticas situadas na interface da psicologia com a educação, mas a educação intercultural tem sido a minha paixão académica.

Até há alguns anos os meus interesses numa variedade de formas de expressão artística, especialmente a fotografia e as artes visuais, mantiveram-se na esfera da vida privada, com breves incursões na vida profissional e no ensino, nomeadamente através de exercícios pedagógicos ou recursos artísticos com valor pedagógico que fui usando nas aulas e trazendo aos alunos como alimento para o espírito.

Tímida e paulatinamente, a arte e as atividades de pendor artístico vieram ocupando um lugar cada vez mais relevante nas minhas práticas de ensino. Gradualmente fui dando conta de que a expressão artística não era apenas motivacional e divertida, como era também geradora de bom ambiente de aprendizagem na aula, favorecendo a aprendizagem emocional e excitando as mentes dos estudantes, contribuindo

para a produção de trabalhos individuais e de grupo realmente interessantes e dando espaço ao pensamento crítico e criativo.

Eu não seria especialmente inventiva nisto, dado que muitos dos meus colegas usam estratégias semelhantes, especialmente no campo da educação e na formação de professores e educadores. A minha atividade como fotógrafa e pintora, a experiência no ensino e o discernimento pessoal derivado de leituras, de conversas com artistas, da reflexão pessoal e da minha progressiva dilação pela arte revelaram-se mais valias no ensino da cidadania e da diversidade, usando a arte como recurso, como conteúdo e como método para a estimulação de mentes críticas. A participação em projetos e redes académicas internacionais contribuiu de igual modo para uma progressiva visão da arte no seu papel global de intervenção e entendimento dos problemas do mundo.

Educação intercultural é um ato político. Arte com mensagem pode ser também ação política (é esse o estandarte da arte pós-moderna). A combinação das duas forças, arte e educação, pode gerar autêntica intervenção política e experiências promotoras da cidadania ativa. Nada muda no mundo enquanto não mudarem as ideologias, as crenças, os valores. Por isso, acredito que a sala de aula pode ser um espaço de

intervenção, um laboratório de cidadania ativa (cf. Gonçalves e Sousa, 2012). Esse espaço de aprendizagem cidadã depende muito da forma como os professores orientam os seus alunos para que sejam, desde logo enquanto estudantes, cidadão de pleno direito e de pleno dever, responsáveis, ativos e interventivos.

Neste artigo quero partilhar as ideias e princípios que orientam a minha prática docente atualmente e que considero cruciais para a aprendizagem dos estudantes e para a mudança de atitudes face a assuntos sociais complexos como, por exemplo, desequilíbrios de poder nas políticas internacionais e nas sociedades, a coesão social em ambientes multiculturais, a globalização e as identidades, as migrações, as minorias e os seus direitos, as atitudes perante a diferença e a diversidade... em suma, todas as tensões da democracia e da cidadania multicultural global. Numa palavra, política (cf. Gonçalves, 2014).

1. Diálogo intercultural e literacia cultural

No mundo contemporâneo, globalizado e multicultural, o *diálogo intercultural* tornou-se um conceito de charneira para vários organismos internacionais. A UNESCO e o Conselho da Europa (cf. White Paper on Intercultural Dialogue; Intercultural Cities) usam-no proficuamente, assim como grupos e projetos internacionais como Jean

Monnet Goup on Intercultural Dialogue, Ifacca, etc. Propõe-se, pois, aqui uma reflexão sobre este conceito.

A International Association of Universities (IAU) defende, relativamente ao ensino superior, que o diálogo intercultural é o ponto de partida para equilibrar a diversidade de pontos de vista e conduzir as interações culturais no sentido da cooperação e da boa convivência:

Dialogue' seeks to approach multiple viewpoints with a desire to understand and learn from those that do not see the world in the same way as we do. An effective 'dialogue', therefore, is an enriching and opening interaction which encourages the respectful sharing of ideas and an exploration of the different thought-processes through which the world is perceived and understood. This interaction emphasizes opportunities for broadened and deepened self-knowledge and worldview. As a process, intercultural dialogue encourages an identification of the boundaries that define individuals, and then asks them to relate across those boundaries and even to call them into question. cf. <http://archive.www.iau-aiu.net/id/>),

Qual o(s) significado(s) do conceito de diálogo intercultural? Como é este conceito percebido pelos cidadãos? Como afeta a sua literacia cultural? No site do projeto Open Lines to Intercultural Dialogue

(<http://openlines.labforculture.org/display.php>), criado pelo LabforCulture¹ encontramos um fascinante registo multilingue de respostas vindas de todo o mundo, à questão “How do you define intercultural dialogue?”². Estes testemunhos estimulam a reflexão sobre os tempos modernos. Seleccionamos alguns exemplos que nos revelam bem a complexidade, a riqueza e o desafio das relações interculturais

Gestora de projetos, mulher, Romena

In a era where, we are not ready to be tired to say it, the information moves with the speed of the electronic pulses and in insignificant small time units we cover, geographically and content wise, areas larger and larger, the cultural dialogue gains more importance in the everyday orientation. I am Romanian and I live in Paris. I have a Francophile and francophone education but in many aspects I am different from the French. So for both parties, everyday there is a cultural dialogue leading to an adjustment of discourses, of working tools of the rhythm of work. I live in a neighborhood with a majority of African population. Hence another cultural dialogue and another adjustment to a different rhythm.

¹ O Labforculture é uma plataforma online que presta informação sobre arte e cultura europeia com o fim de estabelecer redes cooperativas além das fronteiras culturais (cf. <http://www.labforculture.org/>).

² No formulário de participação online (cf. <http://openlines.labforculture.org/step1.php>) é dito aos participantes: “The project undertakes to visualise language. Open Lines to Intercultural Dialogue will invite people from around the

Gestora de projetos culturais, mulher, nascida em 1962, búlgara

The key word (...) is “dialogue” (...) the ability of people to be partners in communication. And it is more than to communicate – this is to gain an insight into someone's soul and reveal your own. Dialogue means maturity of the individual and the society. To achieve that one should be educated from an early age – at home, school, by the social environment.

Presidente (?), sexo masculino, vive em Chisinau, Moldávia

Culture is the true European identity power. In this context the major role of the European artists is to promote through art cultural diversity and preserve common values of Europe. At european level for me Intercultural dialogue means integration and I am sure that Intercultural dialogue through art is an important instrument which could facilitate the integration of new countries in the European Union.

Investigador e professor universitário, vive em Sofia, Búlgaro

intercultural dialogue is a symbol of the contemporary world (... is...) dialogue between the multitude of cultures, which co-exist and co-influence each other in our societies. Moreover, I have in mind not only the ethnic or religious cultures, but also youth cultures, cultures from the suburbs, may be even the cultures of the people with disabilities. . .

world to share their personal interpretations of intercultural dialogue. [...] similarities and variations will be traced and connected within a lyrical interface design. Visitors will be able to intuitively navigate through the interpretations, deriving their own associative meanings from the existing lines while being encouraged to add their own.”

Vive em Buenos Aires, sexo masculino, nascido em 1973, argentine

A mental journey, corporal and spiritual, interpersonal, near or far away in space-time.

Vive em Londres, sexo feminina, nascida em 1951, Italiana

To me intercultural dialogue is a daily negotiation between a deep sense of loss of your original culture and the aspiration to embrace the best of what a host culture can offer in terms of identity, meaning, experience.

Encenador, vive em Inglaterra, sexo masculino, nascido em 1961, Inglês

Intercultural dialogue is not about people agreeing with one another. It is about people listening to one another - Once you are prepared to listen, you have the potential to learn, to share and to discover another perspective on life.

thinker/voyager/maker... first language is English, living in greek-canadian-us hybrid, Italy, female, born, 1960, United States

Openness, invitation, inquiry are the pieces we easily name. But (...) the test is (...) when our identities and convictions are contested, when we are afraid, insecure, uncertain, challenged. At that point intercultural dialogue means being prepared and willing to 'rewire' our thoughts, tendencies, habits and instincts. [...] Intercultural dialogue can be the revealer of our deepest doubts, or the gift of having thought beyond what comes 'natural.' The choice is ours to make, the work is ours to do, but the gift of it is what we share.

dansant living in amersfoort, Netherlands, female, born, 1982, Netherlands

a colourful exchange, more than a conversation,

more even than a dialogue, in which boundaries are being crossed, assumptions put aside, new visions come to mind

Am a Ugandan born majoring in the field of African cultural music and dance .And am a African traditional dance teacher and at the same time a choreographer who has been in this field for eight years now. Am also a traditional play writer who have produce , first language is LUGANDA, living in Kampala, Uganda , male, born, 1985, Uganda

intercultural dialogue means a positive response towards different cultures in the world to associate with each other the traditional ethnics and norms of their societies on an aim of creating a positive sense of humour to their neighbours. For example in Uganda their some tribes that kill the first borns and others do not kill them so that show that there is a wide gap between one tribe and another, hence having an intercultural dialogue.

Youth Activist, first language is English, living in Abuja, Nigeria, female, born, 1987, Nigeria

From my point of view, Intercultural dialogue goes beyond a mere tolerance of the other and can involve creative abilities that convert challenges and insights into innovation processes and into new forms of expression. From my point of view, Intercultural dialogue goes beyond a mere tolerance of the other and can involve creative abilities that convert challenges and insights into innovation processes and into new forms of expression.

Quaintrelle, first language is Tamil living in Jaffna, Sri Lanka female, born, 1994, Sri Lanka

Intercultural Dialogue can be a communication based on clear understanding of two or more cultural groups.

Anthropologist first language is Spanish living in Lima, Peru male, born, 1989, Spain

Intercultural dialogue tries to create an exchange between members of different cultural groups. It bases upon respect and the possibility for mutual learning.

El diálogo intercultural trata de establecer un intercambio entre miembros de grupos culturales distintos, teniendo como base el respeto y la posibilidad aprendizajes mutuos.

Human first language is Amharic living in Nairobi, Kenya male, born, 1976, Ethiopia

Intercultural dialogue among different people will create a better understanding among them.

Portanto, se fizermos um esforço de síntese, podemos perceber que, para estes inquiridos, o diálogo intercultural...

- é um símbolo do mundo contemporâneo;
- revela a maturidade do indivíduo e da sociedade (e exige educação desde cedo em casa, na escola e na comunidade);
- é uma jornada mental, corporal, espiritual, interpessoal, próximo ou distante do espaço-tempo;
- significa ganhar discernimento sobre a alma do Outro e revelar a nossa;
- implica trocas para aprendizagem mútua que se baseiam no respeito, que atravessam fronteiras, que poem de lado preconceitos e trazem novas perspetivas à mente;

- corresponde a uma resposta positiva à diferença que nos prepara para rever/ reinstalar pensamentos, tendências e hábitos;
- refere-se a ouvir o outro (mais do que concordar com ele) aumentando o potencial para aprender, partilhar e descobrir novas perspetivas e modos de viver;
- conduz a ajustamentos de discursos, instrumentos e ritmos de trabalho;
- envolve capacidades criativas que convertem os desafios e perceções em processos de inovação e novas formas de expressão;
- o diálogo intercultural, que estabelece redes culturais, aumenta o poder da cultura sobre as decisões e comportamentos;
- para os migrantes e para aqueles que vivem em sociedades multiculturais, corresponde a uma negociação diária resultante do receio de perda das suas culturas de origem e da aspiração a integrar nas suas identidades o que de melhor lhes é oferecido pelas culturas com que contactam nos países e sociedades de acolhimento.

Estas conceções fazem supor a existência de uma correlação intuitiva entre diálogo intercultural e literacia cultural e salientam certas aptidões comunicativas e relacionais, tal como a capacidade de escuta, observação e juízo crítico... Mostram também que o domínio cognitivo e o simbólico não são o foco exclusivo, salientando-se também os aspetos emocional, afetivo e axiológico (respeito, tolerância, equi-

dade...). Polistina (s.d) identifica quatro aptidões essenciais na literacia cultural: consciência transcultural, consciência cultural local, pensamento crítico e aptidão para se tornar agente de mudança.

Dialogar implica ver o outro como um par. E a capacidade de ver o outro como igual e de nos vermos a nós mesmos como diferentes coloca-nos em paridade democrática. Essa paridade é um dos ganhos da sociedade da diferença. Politicamente, esta diversidade social dá um novo sentido à convicção de que a cidadania consiste na consciência dos direitos do outro e na prática dos nossos deveres, mais do que na reivindicação dos nossos direitos e na exigência dos deveres do outro (cf. Gonçalves, 2014). O Conselho da Europa (White Paper on Intercultural Dialogue) identifica seis condições cruciais para que aqueles que comunicam entre si estabelecem verdadeiro diálogo intercultural:

- Dignidade igual
- Envolvimento voluntário
- Abertura de mente, curiosidade e compromisso, ausência de vontade de vencer
- Preparação para considerar tanto as semelhanças como as diferenças culturais
- Grau mínimo de informação sobre os aspetos distintivos das culturas em presença
- Capacidade de encontrar uma linguagem comum para compreender e respeitar as diferenças culturais.

Respeitadas estas condições, o diálogo acontece e as perceções da realidade evoluem, modificam-se, ampliam. O diálogo provoca aprendizagem, desenvolvimento e melhoramento das qualidades dos indivíduos. Estimular o diálogo intercultural é por o isso uma estratégia pedagógica poderosa. No caso do ensino formal, como usar, em que contexto, através de que conteúdos e que métodos? Essas as questões com eu me tenho ocupado durante parte significativa da minha atividade profissional como professora. De seguida discutirei parte das respostas que fui encontrando pelo caminho, que fui experimentando e em que acredito.

2. O locus da arte no ensino

A sociedade é feita de pessoas de culturas e gerações diferentes que coabitam e aprendem umas com as outras. Acabei de falar na parte anterior sobre a necessidade de diálogo intercultural nas sociedades multiculturais, sendo as contemporâneas todas assim). Agora uma muito breve nota sobre a convivência intergeracional. É bastará um exemplo anedótico para demonstrar o quanto as diferenças podem ser colossais. Veja-se neste episódio o quando as nossas vidas podem ser marcadas pela idade:

- Quantos anos tem, avô?

- Bem, deixa-me pensar... Nasci antes da televisão, e já crescidinho apareceu com um único canal e a preto e branco. Nasci antes das vacinas contra a poliomielite, das comidas congeladas, da fotocopiadora, das lentes de contacto e da pílula anticoncepcional. Não existiam os radares, os cartões de crédito nem o raio laser. Não se tinha inventado o ar condicionado, as máquinas de lavar e secar e frigoríficos quase ninguém tinha. Pouca gente tinha automóvel e não havia semáforos porque não eram precisos. O homem nem tinha chegado à lua. Não havia computador, comunicávamos através de cartas, postais e telegramas. "Mails, chats e Messenger", não existiam. Computadores portáteis ou Internet nem em sonhos... estudávamos só por livros e consultávamos enciclopédias e dicionários. Ninguém conhecia telefones sem fios e muito menos os telemóveis. Não existia nada digital, nem os relógios nem os indicadores com números luminosos dos marcadores de jogos, nem as máquinas. Nunca tínhamos ouvido falar de música estereofónica, rádios FM, Fitas, cassetes, CDs, DVDs, máquinas de escrever elétricas, calculadoras (nem as mecânicas quanto mais as portáteis). "Notebook" era um livro de anotações. ... "Hardware" era uma ferramenta e "software" não existia. Falando de máquinas, não existiam as cafeteiras elétricas, ferros de passar elétricos, os fornos micro-ondas nem os rádios-relógios despertadores. Para não falar dos vídeos ou VHF, ou das máquinas de filmar minúsculas de hoje. As fotos não eram instantâneas nem coloridas e a sua revelação demorava

mais de três dias. Agora diz-me, quantos anos achas que tenho?

- Avô! Mais de 200!

- Não, querido. Tenho 65!

(fonte: adaptado de texto em circulação na net; autor desconhecido)

Os jovens atuais, as gerações da net, estão já muito bem caracterizados. Os nativos digitais estão permanentemente conectados e acedem a informação por meios tecnológicos que vieram substituir a leitura e além de consumir também produzem e divulgam informação veloz e agilidade (cf. Antunes, Gonçalves & Patrão, 2016). No caso dos jovens portugueses, formatados pelo contexto sociopolítico, assistimos a um certo desencanto com as instituições políticas e a alguma desesperança por um futuro de contornos pouco claros, assombrado pela crise económico e pela falibilidade do emprego (cf. Gonçalves & Costa, no prelo). Acresce que os tempos atuais são caracterizados pela hiperatividade a todos os níveis, como sintetizado pelo termo inglês VUCA (acrónimo para volatility, uncertainty, complexity e ambiguity), (cf. Johansen, 2007), o que obriga a que o ensino deva ser gerido estrategicamente para poder responder a questões determinantes:

VUCA é uma espécie de fórmula de alerta para o caos eminente. E mostra como é difícil ensinar e decidir sobre o que ensinar nos tempos atuais, quando se estima que muito do que

se aprendeu enquanto estudante já estará desatualizado no momento em que se entra no mercado de trabalho. Então, o que vale a pena ensinar e aprender? Farão sentido ainda as pesadas estruturas organizacionais, universidades e politécnicos, no caso português, que se dedicam ao ensino superior? Que currículos deverão criar-se para que a matéria tratada não se esboroe e torne obsoleta quase logo à saída da aula? E sobre os que ensinam: serão adequados os seus perfis profissionais, criados pelo malhar de ferro frio ao longo de cerca de duas décadas de aprendizagem formal (entre escolaridade obrigatória e cursos superiores, estágios e especializações)? O que é ser bom professor no ensino superior de agora? (Antunes e Gonçalves, 2016: 169).

Como ensinar algo que valha a pena a estes jovens? Com arte e mestria, é a resposta (sempre foi esta a resposta)! Atualmente o que pode ser ensinar com mestria? Talvez o mesmo que sempre foi: fazer questionar, fazer aprender e querer aprender mais. Professores que não se questionam não fazem questionar, ou pelo menos não o fazem consciente e propositadamente. Num tempo em que muitos jovens estão a desenvolver modos de cidadania conformista e passiva, ainda que em simultâneo estejam a tornar-se híper-competentes em tecnologias da comunicação (cf. Gonçalves & Costa, na prensa) é deveras importante que os professores usem, nas atividades letivas, meios que estimulam a criatividade, a resiliência e a adaptação, mas também a capacidade de questionar, produzir e disseminar informação.

Acesso aberto a informação não garante a interpretação e a avaliação adequada dessa informação. Estas capacidades de compreender e avaliar são o fruto de atividade intelectual profunda, auxiliada pela experiência, pelo conhecimento prévio, pelos valores e mundovisões do observador. O ensino disruptivo e o questionamento são estratégias propulsores do pensamento crítico, inovação e anticonformismo. A capacidade de questionar o *statu quo* e antecipar alternativas e resultados positivos da educação são antídotos eficazes à manipulação, ao uniformismo mental e à estreiteza de mente.

Métodos que promovam a aprendizagem profunda e professores inspiradores (*role models*) podem ajudar estes jovens a definir-se como indivíduos autónomos e cidadãos responsáveis no mundo multicultural contemporâneo. É aqui que entra a arte, enquanto veículo de emoções que, associadas a ideias fortes, ajudam a moldar o carácter, as atitudes, a vontade, o conhecimento e o comportamento dos estudantes. A apologia da educação pela arte tem sido feita com ideias como “uma imagem vale por mim palavra” (daí a necessidade da educação visual) ou “a música torna mais inteligentes” (daí a necessidade de educação musical nos currículos). Não é esse o caminho dos meus argumentos.

Creio que invocações desta natureza são falíveis e muitas vezes usadas de forma corporativa (para justificar a inclusão de disciplinas artísticas nos currículos). Quero discutir a arte ao serviço da educação de um outro ponto de vista, digamos, mais psicológico, mais sociológico e mais político. A arte não é apenas uma forma de expressão pessoal, uma outra linguagem, é também um instrumento para a compreensão integrada do mundo e conseqüentemente para a sua mudança. Muitos artistas contemporâneos usam-na como discurso político, como protesto, como autocuradoria (veja-se a contemporaneidade do conceito de manifesto artístico ou *artist statement* em inglês como é comum designar-se). O artista de hoje fala diretamente ao seu público, muitas vezes dispensando os antigos intermediários (curadores, museus, galerias). Com a internet e as redes sociais cada um pode fazer ouvir a sua voz de forma poderosa e muito amplificada. Nesse sentido, muitos produtos artísticos ficaram mais acessíveis e a arte mais mundana e menos elitista ganhou também o poder de veicular mensagens sobre problemas reais das pessoas, grupos e comunidades e de se tornar manifesto, protesto e estandarte.

Além disso, sendo a arte uma linguagem complexa que faz um apelo intrínseco à emoção (cf. Gonçalves, 2016; Gonçalves & Majhanovich,

2016) ela é o complemento ideal para aqueles conteúdos, recursos e métodos educativos que se baseiam na cognição. Qualquer coisa pode ser dita e compreendida de várias formas e quantas mais usarmos maior será a probabilidade de que a informação veiculada seja compreendida e se transforme em conhecimento.

Neste ponto já se torna visível o valor do uso da arte na educação como um reforço da aprendizagem e um bom promotor do diálogo intercultural. Não porque a arte possa mudar o mundo (no sentido estrito, já que, como ilustrado pelo trabalho do artista JR, pode de facto promover muitas mudanças (cf. Thompson, Remnant & Azoulay, 2015), mas porque a arte nos toca na essência emocional e amplia a capacidade de entender os acontecimentos e traduzir esse entendimento em comunicação. Uma comunicação que atravessa as fronteiras culturais visto que não se faz através dos códigos linguísticos (que são relativos, porque estão dependentes da aprendizagem da língua) mas também através dos códigos emocionais (que são universais e nos ligam a todos independentemente da cultura em que nascemos e nos moldamos e da língua que falamos).

A arte é a manifestação de cultura que permite mais facilmente o diálogo intercultural. A arte tem o poder de fascinar e orientar a atenção.

As pessoas viajam para conhecer lugares, pessoas e culturas. Depois da natureza (uma atração constante), é a cultura aquilo que nos move. E após as manifestações artísticas da cultura associadas às necessidades básicas (como a gastronomia, a arquitetura ou o vestuário) são as manifestações artísticas mais abstratas (como a música, a pintura ou a dança...) aquilo que mais nos prende a atenção, nos deleita, nos faz sentir e refletir.

Arte, cultura e educação são um triunvirato que os sistemas de ensino não deveriam nunca espartilhar. Até ao século XXI a escola e especialmente a universidade basearam-se na cognição como campo de aprendizagem prioritário e deram por isso ênfase às ciências e às tecnologias. Conceitos como inteligência ou aprendizagem e acrónimos populares no campo da educação em ciência, como STEM (Sciences, Technology, Engineering, Mathematics), que se baseavam na cognição e revelam a anterior importância dada ao saber científico, são agora modificados para se ajustarem ao que já sabemos sobre ensino e aprendizagem e à necessidade de integrar nesse processo a cognição, a emoção e a ação; passámos a falar, no domínio do ensino-aprendizagem, de inteligência emocional e de inteligências múltiplas, de estilos de aprendizagem e de aprendizagem a longo da vida, de STEAM

(Sciences, Technology, Engineering, Arts, Mathematics). O acrónimo STEM popularizou-se nos EUA nos anos 90 e expandiu-se na literatura mundial sobre educação e na educação científica em resposta à necessidade de melhorar a qualidade do ensino das ciências e tecnologias. O acrónimo STEAM é uma abordagem educativa compreensiva e contemporânea, na qual as Ciências, tecnologias, engenharia e matemática são integradas com a Arte (planeamento criativo, design, performance, drama) para promover a aprendizagem, o diálogo, o questionamento e o pensamento crítico dos estudantes. Esta combinação entre arte e ciência responde às necessidades atuais de um ensino que estimule a criatividade, a inovação e a capacidade investigativa necessárias à adaptação a um mundo onde as mudanças são rápidas e a incerteza uma constante. A combinação de um modo de pensar rigoroso de cientista com uma mente fluida de artista é uma excelente solução adaptativa.

O exemplo do movimento educativo norte americano STEAM to STEAM ilustra uma mudança de paradigma. É uma mudança fértil e necessária. E enquanto mudança de paradigma não requer mudanças bruscas, ruturas infecundas, revoluções sangrentas, antes transições suaves de um modelo a outro, visto que muitas das práticas educativas

anteriores se ajustam bem ao novo paradigma e muitas das novidades de agora não são mais do que um reforço de ideias e práticas que eram já conhecidos, mas talvez subvalorizados pelos modelos anteriores.

3. Ensinar com arte em modo intercultural

Regresso agora ao meu primeiro tema: o diálogo intercultural. Enquanto professora preocupada com a educação e o diálogo intercultural e enquanto fotógrafa, pintora e pessoa interessada em arte, ao longo dos anos fui aproximando os meus interesses pessoal e profissional e desse percurso resultou que hoje compreenda a educação como ato de cultura, a educação intercultural como ato político e a arte como ato de liberdade. Acreditando que o triunvirato Educação-Cultura-Arte, enquanto promotores do diálogo intercultural, são um instrumento poderoso para o avanço do mundo e do indivíduo, tenho vindo a usar a arte em sala de aula e noutras atividades de aprendizagem e avaliação de formas diversificadas que se revelam muito interessantes e motivadoras para os estudantes.

Os métodos que uso e os princípios em que se baseiam são compatíveis com o que é defendido por organismos internacionais como a Unesco (2007, 2013) ou o Conselho da Europa (através do programa

Pestalozzi para a formação de professores). A UNESCO (2007) propõe como base para a educação intercultural três grandes princípios claros: 1. respeitar a identidade cultural do aprendiz com educação para todos culturalmente apropriada e responsiva; 2. proporcionar a cada aprendiz o conhecimento cultural, atitudes e aptidões necessárias para uma participação plena na sociedade; 3. proporcionar a todos os aprendizes o conhecimento cultural, atitudes e aptidões que lhes permita contribuir para o respeito compreensão e solidariedade entre indivíduos, grupos étnicos, sociais, culturais e religiosos e entre as nações. O Conselho da Europa (cf. J. Huber & C. Reynolds, 2014) propõe que esses princípios se concretizem através de abordagens como a aprendizagem experiencial, os métodos cooperativos, o trabalho por projeto e atividades que valorizam e conduzem a capacidade de compreender perspetivas múltiplas (multiperspectivismo). Entre estas incluem-se role play, simulação e dramatizações, atividades etnográficas, o uso dos media, das redes sociais e de ferramentas online e ainda atividades de natureza artística que incluem o uso e a produção na aula de teatro, poesia e escrita criativa, filmes e textos, imagens/fotografia. Muitos professores preocupados com a promoção de competências intercultural têm aderido a esta tendência. As ideias nunca nascem de

uma só mente, resultam do esforço coletivo para compreender problemas comuns de grupos e comunidades numa dada época e encontrar soluções para os mesmos. Anteriormente, a educação (uma dessas soluções) centrou-se muito no conhecimento e no rigor científico. Com a mudança de paradigma que a sociedade da informação implicou e com a criação a sociedade fluida em que vivemos, a arte ganhou um lugar muito mais relevante como meio de comunicação e aprendizagem e, portanto, como ferramenta de ensino. Como tal, é cada vez maior a aceitação de ideias e métodos não convencionais, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos, sobretudo no campo das ciências sociais e humanas. Isso deve-se em parte ao facto de estes métodos se ajustarem tão ao discurso pós-moderno (a contemporaneidade, especialmente o modo relativista de ver a vida dos jovens) onde os significados da realidade (e da arte) são partilhados, discutidos e negociados através do diálogo. O objeto artístico funciona como um meio para promover esse diálogo e ajudar os interlocutores a definirem o que é verdadeiro, o que é importante, o que é válido para uns e outros.

É importante ter em conta que o conceito contemporâneo de arte é

abrangente (incluindo novas formas de arte como o vídeo, a performance, o *hip hop* ou o *grafiti*), releva de uma valorização muito mais relativista de estética do que até ao modernismo e, através do objeto artístico, propõe-se explorar e comunicar mensagens que podem ter uma carga política e reivindicativa (seja parte do artista seja por parte do curador). É assim que são cada vez mais os artistas, incluindo muitos de grupos minoritários e em desvantagem social, que exploram questões de identidade, assimetrias de poder, justiça social, coesão social, sustentabilidade ambiental, e toda uma variedade de outros problemas sociais face aos quais a expressão artística permite uma abordagem consciente de cidadania ativa. Exemplos interessantes são-nos dados por projetos como os de Art for Humanity (<http://www.afh.org.za/>) ou do artista JR (<http://www.jr-art.net/>), o trabalho do Teatro IBISCO (<http://ibisco.org/teatro-ibisco/>) ou da The International Guild of Visual Peacemakers (IGVP) – <http://visualpeacemakers.org/guild>).

No sentido em que a arte implica relativismo e faz prevalecer a validade da interpretação (cf. Wiczorek, 2015) ela tem um papel central nos ambientes multiculturais, sempre sujeitos à tensão entre o que é

relativo e próprio de determinados contextos culturais e o que é comum a vários contextos e por isso mais próximo da universalidade. Usando a expressão individual e o colorido cultural, a arte pode veicular informação e preservar memórias (sobre acontecimentos sociais, históricos ou políticos relevantes), ideologias e afetos (como os sentimentos de amor e amizade ou os enredos das relações humanas); a arte pode servir para manifestar protesto ou consenso em assuntos de sociedade, política e poder; a arte pode também reforçar princípios e valores (como solidariedade, justiça ou compaixão) e ajudar a refletir e formar opinião sobre tudo isto. É um trabalho feito a nível interior, nos campos da ideação e da inteligência emocional. A experiência artística (como consumidor quer como produtor) pode ser uma experiência de fluxo de tal forma intensa que todo o ser se encaminha, senão para uma transformação pessoal, pelo menos para uma mudança de ponto de vista, o que é, na essência, a base da aprendizagem.

Em suma, não se fala aqui de abordagens artísticas superficiais e folclóricas, como durante muito tempo se fez no âmbito da educação intercultural. Não é suficiente e por vezes nem é aconselhável tomar a música, a dança, a pintura tradicional de um povo como ilustração para a diversidade. A música, a dança ou a pintura tradicional podem

estimular a vontade de viajar e explorar o mundo, mas seguramente não são capazes só por si de promover o diálogo intercultural, o respeito e a compreensão mútua ou a capacidade de colaborar através das fronteiras culturais.

A experiência de ensino a jovens ainda pouco conhecedores de outras culturas tem-me mostrado que sem orientação adequada tais ilustrações podem até conduzir ao desagrado, ao estereótipo, o preconceito. Um exercício que costumo fazer com os estudantes começa por dar-lhes a escutar músicas de vários cantos do mundo, com sonoridades, instrumentos e timbres de vozes muito distantes daqueles que se habituaram a escutar e valorizar como música agradável ao ouvido. Se o exercício ficasse por esse ponto os estudantes sairiam da sala de aula com uma impressão negativa sobre as qualidades musicais de muitas das culturais a que são expostos neste exercício pela via da música. Porém, uma vez situada a música no seu contexto histórico e cultural, contadas as histórias e narrativas que lhe estão associadas, identificadas as emoções e as comunalidades que lhes deram origem, criadas, enfim, condições de identificação e promoção e empatia, os estudantes acabam por, senão gostar, pelo menos respeitar e querer saber mais

sobre tais manifestações de cultura; se num primeiro momento consideraram de mau gosto certas sonoridades de repente passam a considerá-las interessantes, exóticas...

Pedir a um estudante que observe determinada fotografia, analise um filme, compare dois textos literários, comente uma pintura, critique uma peça de teatro sobre são atos de ensino que apelam ao pensamento superior e à emoção profunda. Suponhamos que a fotografia, o filme, o texto literário, a pintura, a peça dramática são criações de alguém que fala por essa via sobre a discriminação de género, sobre a experiência do racismo, sobre a violência de uma limpeza étnica, sobre a identidade de um muçulmano num clima de anti-islamismo... o estudante desenvolve por esta via a perspetiva empática sem a qual não há diálogo possível. Pode ter aprendido na perfeição os conceitos de estereótipo, preconceito ou discriminação, mas só a vivência na pele dos seus efeitos ou a empatia clara sobre as suas vítimas o conduzirão a uma perceção clara e concreta sobre o que significam estes conceitos abstratos para quem lhes está sujeito. Estas lições de educação pela arte promovem a aprendizagem profunda porque são experiências emocionais e cognitivas integradas.

Levar os estudantes a produzir arte própria para expressar a sua voz

pessoal (ou de grupo) é o passo seguinte natural. Quando o fazemos, os estudantes aplicam-se de formas por vezes surpreendentes, dedicando tempo à tarefa, investigando e mobilizando os seus talentos. Como este tipo de trabalho apela à criatividade e à liberdade individual os estudantes compreendem que a autenticidade, as suas opiniões são esperadas e legítimas e como tal manifestam posições que se abstêm de revelar em muitas outras tarefas académicas.

Pedir aos estudantes tarefas criativas do domínio artístico pode ser encarado por alguns como ameaçador sobretudo se não se sentirem à vontade com as técnicas e meios artísticos propostos (fotografia vídeo, desenho, pintura, dramatização, etc.) mas cedo os receios são ultrapassados pelo prazer do ato criativo, pela versatilidade e liberdade que este tipo de trabalhos lhes proporciona e pela que possibilidade de completarem, ainda que de forma experimental, a tradição do trabalho escrito com outras formas de expressão.

Quando estamos no domínio da educação intercultural toda esta variedade de recursos de comunicação facilita a investigação (seja documental ou etnográfica ou mesmo no âmbito de projetos de investigação-ação) e a aprendizagem intercultural. Há de facto muito elemen-

tos comuns ao diálogo intercultural e à linguagem artística. Esta afirmação torna-se mais inteligível se relembrarmos os elementos caracterizadores do diálogo intercultural que sumariámos algumas páginas atrás. Tal como o diálogo intercultural, a arte...

- é uma jornada mental, corporal, espiritual, interpessoal, próximo ou distante do espaço-tempo;
- prepara-nos para rever/ reinstalar pensamentos, tendências e hábitos;
- envolve capacidades criativas que convertem os desafios e *insights* em processos de inovação e novas formas de expressão;
- significa ganhar discernimento sobre o mundo e força a negociação de identidade e pertenças culturais; e
- cruza fronteiras e gera novas perspetivas e aumenta o potencial para aprender e partilhar ideias.

Estas características fazem com que a arte seja um grande instrumento ao serviço da harmonia entre os povos e culturas e são razões fortes para explorar o seu potencial pedagógico na formação e educação dos jovens e futuros profissionais.

Reflexões finais

Resta sublinhar que o potencial da arte enquanto recurso de ensino-aprendizagem não se esgota nas formas clássicas, como a pintura ou

a música, nem naquelas que o modernismo trouxe á ribalta, como a fotografia ou a videoarte. Agora estão ao dispor, tanto de artistas quanto de professores, as tecnologias digitais que abrem interessantes possibilidades e caminhos de comunicação em tempo real com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. Os estudantes podem colaborar em projetos académicos com colegas de universidades nos antípodas do seu país e fazê-lo socorrendo-se da linguagem artística naquilo que ela permite de mais universal, a expressão de sentimentos e emoções e a simbolização de ideais que assim podem ser mais facilmente descodificadas, compreendidas e dialogadas.

O que falta, no entanto, é estimular a sensibilidade artística e intercultural dos professores. Muitos, formados num modelo positivista e habituados ao rigor científico e à tradição académica resistem a estes métodos e rejeitam-nos como forma de traduzir e avaliar aprendizagens. Porém, os professores são peças chave no processo de aprendizagem e necessitam usar linguagens motivadoras e atrativas para os seus estudantes. Os recursos clássicos onde o estudo era dominado pela leitura de textos/manuais académicos e a avaliação pela escrita em exames ou trabalhos individuais e de grupo está em declínio com esta geração dos tempos digitais. Eles preferem a imagem, a leitura

baseada nas ramificações dos links da net, ao sabor dos seus interesses, o estudo pragmático associado a projetos concretos e à sua curiosidade de momento e perderam a resiliência e espírito de sacrifício que exigia o modelo de ensino aprendizagem antigo (o professor explica, o estudante estuda e depois debita e o professor por fim avalia). Esta é uma geração e imediatismo nas respostas; a memória está distribuída e para obter e produzir informação e soluções a colaboração é a regra. É necessário aceitar esta realidade, muito mais vasta e impactante do que aquilo que imaginamos. As tecnologias digitais fizeram os cérebros destes jovens entrar numa revolução mental que fez deles estudantes radicalmente diferentes dos que conhecemos anteriormente.

Um modelo de ensino clássico para mentes revolucionadas, numa sociedade da diversidade e da informação está condenado. É possível que as artes e a colaboração tragam ao novo paradigma social e de ensino alguma ajuda relevante. E é obrigatório que os professores atualizem o seu repertório de competências, de forma a que possam incluir a capacidade intercultural, a sensibilidade artística, a aptidão para manusear as ferramentas informáticas e sobretudo, uma nova mentalidade sobre o que significa ser professor hoje, muito mais do

que organizar e tornar acessível informação, voltamos aos tempos em que o mestre era o sábio inspirador, não porque possui informação, mas porque possuía génio.

Referências Bibliográficas

- Antunes, R. & Gonçalves, S. (2016). O ensino cheira a mofo? Notas sobre pedagogia no ensino superior e o caso CINEP. In F. Vieira (Coord.). *Inovação Pedagógica no Ensino Superior: Ideias (e) Práticas*, pp. 167-180. Santo Tirso: De Facto.
- Antunes, R., Gonçalves, S., & Patrão, C. (2016). Aprender e ensinar com as redes sociais. In S. Gonçalves, D. Pereira, M. Veloso (Eds.) (2016). *Ambientes digitais no Ensino Superior*, pp. 17-40. Coimbra: CINEP/IPC.
- Cliche, D y Wiesand, A 2009. „¿Es posible el diálogo intercultural a través de las artes? Conceptos, políticas, programas, prácticas“, *Temas D'Art sobre Políticas para las Artes (D'Art Topics in Arts Policy)*, N.º. 39, Federación Internacional de Consejos de Artes y Agencias Culturales, Sídney, www.ifacca.org/topic/intercultural-dialogue-cultural-diversity
- Cliché, D. and Wiesand, A. (2009). 'Achieving Intercultural Dialogue through the Arts and Culture? Concepts, Policies, Programmes, Practices', *D'Art Topics in Arts Policy*, N.º. 39, International Federation of Arts Councils and Culture Agencies, Sydney, www.ifacca.org/topic/intercultural-dialogue-cultural-diversity
- Gonçalves S. (2014). Multiculturalism, Contact Zones and the Political Core of Intercultural Education. In N. Haydari & P. Holmes (Eds.). *Case Studies in Intercultural Dialogue*, pp. 57-72. Kendall Hunt Publishing: San Francisco, CA. ISBN: 978-1-4652-1209-2.

- Gonçalves, S. (2016). We and They: Art as a medium for intercultural dialogue. In S. Gonçalves and S. Majhanovich (Eds.). *Art and Intercultural Dialogue*, pp. 3-24. Rotterdam: Sense.
- Gonçalves, S., & Costa, J.J. (in press). Portugal: Highly qualified young people on ‘economic emigration’. In Krzywosz-Rynkiewicz, A. M. Zalewska, K. J. Kennedy (Eds.) *Young People and Active Citizenship in Post-Soviet Times: A Challenge for Citizenship Education*. Oxfordshire: Taylor & Francis.
- Gonçalves, S., & Sousa, F. (Org.) (2012). *Escola e Comunidade: Laboratórios de Cidadania Global*. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Instituto de Educação. Ebook com edição Online disponível em: http://www.ie.ul.pt/portal/page?_pageid=406.1540199&_dad=portal&_schema=PORTAL
- Johansen, B. (2007). *Get there early: Sensing the Future to compete in the Present*. San Francisco, CA: Berrett-Koehler.
- Polistina, K. (s.d). *Cultural Literacy: Understanding and respect for the cultural aspects of sustainability*. Outdoor Learning University of Glamorgan. http://arts.brighton.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0006/5982/Cultural-Literacy.pdf
- Thompson, N.; Remnant, J.; Azoulay, M. (2015). *JR: Can art change the world?* Phaidon Press.
- UNESCO (2007). *UNESCO guidelines on intercultural education*. Paris: UNESCO.
- J. Huber and C. Reynolds (Eds.) (2014). Developing intercultural competence through education. Council of Europe Pestalozzi Series, Nº. 3. Strasbourg: Council of Europe Publishing.
- UNESCO (2013). *Intercultural competences: Conceptual and operation framework*. Paris: UNESCO.
- Wieczorek, M. (December 2015). Postmodern Exhibition Discourse: Anthropological Study of an Art Display Case. *CITAR Journal*, Volume 7, Nº. 2, pp. 19-24. <http://artes.ucp.pt/citarj/article/view/139/117>
- Council of Europe (2008). White Paper on Intercultural Dialogue “Living Together As Equals in Dignity”. Strasbourg: CoE. http://www.coe.int/t/dg4/intercultural/source/white%20paper_final_revised_en.pdf
- Websites**
- Art for Humanity (<http://www.afh.org.za/>)
- Council of Europe: Intercultural Cities, <https://www.coe.int/en/web/interculturalcities>
- International Association of Universities (IAU), <http://archive.www.iau-aiu.net/id/>,
- JR (<http://www.jr-art.net/>)
- LabforCulture. Open Lines to Intercultural Dialogue, <http://www.intercultural-europe.org/site/database/project/open-lines-intercultural-dialogue>
- STEAM: Learning that is representative of the whole world. <https://www.youtube.com/watch?v=QtjuALN4qrw>.
- Teatro IBISCO (<http://ibisco.org/teatro-ibisco/>)
- The International Federation of Arts Councils and Culture Agencies (IFACCA)- www.ifacca.org
- The International Guild of Visual Peacemakers (IGVP) – <http://visualpeacemakers.org/guild>

The Jean Monnet Group on Intercultural Dialogue,
<https://www.um.edu.mt/europeanstudies/projectsresearch/jeanmonnet/intercultural-dialogue>

Ficha curriculat

Susana Gonçalves, PhD em psicologia. Professora Coordenadora na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra; investigadora na UIDEF – Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação, Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Co-editora do livro *Art and Intercultural Dialogue*, 2016.